

XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS  
6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE

Grupo de Trabalho O6: **Imaginários sociais, memórias e pós-colonialidade**

Título do Trabalho **O FAVOR, A CIÊNCIA E O JANTAR: IMAGINÁRIO  
POLÍTICO BRASILEIRO NA TEORIA DO MEDALHÃO**

João Paulo Bandeira de Souza – MAPPS-UECE

Glaucéria Mota Brasil – MAPPS-UECE

## O FAVOR, A CIÊNCIA E O JANTAR: IMAGINÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO NA TEORIA DO MEDALHÃO

Uma leitura sobre do conto, *A teoria do medalhão*, de Machado de Assis, publicado na Gazeta de Notícias em 1881 e republicado em *Papeis Avulsos* (1884). A partir da teoria do imaginário de Gilbert Durand. Observamos as conexões entre o *Clientelismo* e o *Liberalismo* na cultura política brasileira. O conto contém lições sobre o funcionamento e fundamentos das relações humanas numa sociedade que tem a tríade origem fidalga, grossos cabedais e relações pessoais nas raízes de sua construção. Os conselhos dado pelo Pai ao Filho candidato à Medalhão fornecem pistas que ajudam a entender como criamos e recriamos uma sociedade que vive a tensa relação dialógica entre o Favor e o Contrato. Interpretamos atentamente a instrução que se refere ao melhor meio de alcançar a publicidade no Brasil: dar um jantar bem farto aos amigos influentes, um mimo que vale mais que um tratado científico.

### INTRODUÇÃO

A presente comunicação traz os resultados parciais da pesquisa que desenvolvo em minha dissertação de mestrado. Realizamos uma interpretação em movimento hermenêutico em espiral que tem como campo de pesquisa as imagens criadas por Machado de Assis sobre o “como” do imaginário que envolve nossa política. Baseados numa metodologia e seguindo as trilhas da teoria da complexidade de Edgar Morin, lemos o conto Teoria do Medalhão de Machado de Assis, realizando a “caça ao mito” proposta por Gilbert Durand.

Aqui daremos atenção maior a um dos segredos sobre a vida política brasileira, guardados nas lições dadas por um zeloso e esperançoso Pai ao querido e promissor filho recém chegado ao mundo dos adultos, dos jantares, dos discursos, das valsas, da política, da retórica, das idéias européias. Cada lição nos suscita uma constelação de imagens e símbolos que desvelam em fina ironia a velha arte brasileira de fazer política. Eis as lições do Pai: *o regime do aprumo e do compasso, a difícil arte de pensar o pensado, usar a*

*publicidade para se fazer conhecido, usar jantares para fazer amigos influentes.*

Mergulhar num conto do bruxo é garantia de vertigem na certa, fazendo uma má comparação é como andar de montanha russa. Loppings, subidas lentas, descidas alucinantes no curto espaço de tempo que dura a leitura de um conto, experiência social, histórica, cultural, política, social, humana, é interseção da antropologia, sociologia, ciência política, economia, história, arqueologia, direito. Cada frase entendida, interpretada, dá a sensação de escavação do nosso *sermus myticus*. Lembro que Bachelard demonstrou que a vida “não é resultado de uma série de raciocínios, mas a elaboração de uma função da mente (psíquica) que leva em conta afetos e emoções.” (BACHELARD apud PITTA, 2005, p.16) Segundo o pensador “a validade do conhecimento é a mesma, seja ele adquirido pela experimentação ou poesia.” (BACHELARD apud PITTA, 2005. p.16) Assim não é absurdo falar de um Machado de Assis produtor de conhecimento sobre política através de sua pena. E mesmo que não estivesse lá, o meu olhar identificou essas relações, e é delas que vamos tratar.

Reconhecendo o conto de Machado de Assis como campo privilegiado para estudos de nossa cultura política, conseguimos melhor entender as estratégias e fundamentos da sociabilidade política brasileira, essa rede mediada pelos princípios do mercado e ao mesmo tempo pelo clietelismo onde a desigualdade é cultuada e reinventada para manter velhos e novos privilégios.

Ler Machado de Assis nos leva a descobrir que ao falar sobre detalhes, situações, casos aparentemente banais da vida cotidiana da elite brasileira do século XIX, articulando-os aos mais variados arquétipos, imagens e mitos de diferentes culturas ele acaba explicando, explicitando, contrapondo, descrevendo, analisando, dissimulando e enaltecendo, através de sua pena, traços essenciais da sociedade brasileira, bem como seus imaginários. O bruxo narrou amiúde a atmosfera da sociedade brasileira do século XIX, dando ênfase às relações de dependência, favor, mando e suas interseções e tensões com o mundo burguês europeu, suas idéias e práticas.

## MITOS, LITERATURA E POLÍTICA

A cultura política brasileira tem sido revirada de ponta cabeça por cientistas, escritores eruditos, políticos, artistas, músicos populares, etc. Nossa tentativa aqui é melhor compreender a arte de fazer política no Brasil, tendo como campo a literatura, lugar do nosso imaginário político, reservatório de nossos mitos e de suas relações com a vida cotidiana.

O imaginário é campo fértil àqueles que se dedicam a compreender como se travam as relações humanas numa dada cultura, em um dado tempo e lugar. Essa pesquisa navega nas águas do imaginário político brasileiro, onde buscamos entender como a tensão entre os mitos do século XIX nos influenciam e narram o que fomos e somos ainda hoje nas nossas relações cotidianas na vida pública e na vida privada.

As artes são o lugar de refúgio dos arquétipos, mitos e símbolos, depois que a racionalização tentou bani-los às profundezas do esquecimento. A teoria da complexidade nos ensina que vida humana é uma realidade complexa, *complexus* significa tecido junto, e que qualquer tentativa de compreendê-la deve ser perpassada pela busca da religação dos conhecimentos apartados e isolados uns dos outros pelo paradigma da ciência Moderna ou paradigma simplificador, para chamá-lo como o denominou Morin. Nossa pesquisa é um exercício de religação da literatura aos estudos sobre cultura política brasileira, pois, para além das leis, da burocracia e da luta pelo poder, a política é uma invenção cotidiana ao mesmo tempo objetiva e subjetiva.

Acolhido pelas musas o imaginário conservou-se nas artes, museu privilegiado aberto àqueles que desejam compreender os homens e sua ação, a partir de seus devaneios, incertezas e desejos. O imaginário é “[...] essência do espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), [...] impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo [...] raiz de tudo a que, para o homem existe.” (PITTA, 2005, p. 15) Lugar do entre saberes, se expressa dentro de algumas estruturas universais, a partir das dominantes postural, digestiva e copulativa, e tem duas entradas: o social

e o biológico, constituindo uma pulsão entre a subjetividade e o mundo, realidade objetiva concreta, capacidade humana de dar significados, ao mundo, as coisas, a nós mesmos, ao que pensamos e ao que fazemos. Gilbert Durand nos diz que a razão dá sentido ao mundo, mas é a imaginação que cria seu significado.

Essa intersecção entre as humanidades e as artes é um dialogo que se dá também por meio da literatura, lugar privilegiado da permanência do imaginário, interseção de saberes humanos, campo fértil para quem se propõe a olhar e entender os mitos de um tempo e os caminhos propostos para o desenvolvimento da pesquisa são a mitocrítica e a mitoanálise. Ao ler uma imagem é preciso atentar para seu sentido oculto, pois ela sempre estará sendo resignificada, o que abre caminho para o indizível e o imaginável!

O “eu” de uma sociedade, é a sua encenação. O teatro, o cinema, a literatura, e particularmente esse “teatro de bolso” que é o romanesco, são a mostra por excelência de uma sociedade. (DURAND, 1996, p.141)

[...] do mesmo modo arquétipo era a ‘matriz’ de todo o imaginário, o *sermo mythicus* torna-se a matriz de todo o ‘discurso’ e, portanto, de toda a ‘literatura’, quer a oral quer a escrita. (DURAND, 1996, p.154)

Mas o que são os Mitos? Do que eles são feitos? Quais suas relações com a política numa sociedade? Em princípio é necessário que aceitemos três postulados desenvolvidos por Dumézil e adotados por Durand: “toda intenção histórica de uma sociedade se converte em mito; toda sociedade repousa sobre um alicerce mítico diversificado; e todo o mito é, ele próprio, um recital de mitemas dilemáticos” (DURAND, 1996, p.126). Definamos o que entendemos por mito.

um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schemes que tende a se compor em relato, ou seja, que se apresenta sob forma de história. Por esse motivo, já apresenta um início de racionalização. O mito é um relato fundante da cultura: ele vai estabelecer as relações entre as diversas partes do universo, entre os homens e o universo, entre os homens entre si. Por sua construção, próximo da composição musical que comporta refrãos, repetições, o mito tem sempre uma dimensão pedagógica. É ainda função do mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade. (PITTA, 2005, p. 09)

A mitocrítica é uma “caça ao mito” onde identificamos quais são os mitos de um tempo e como eles dialogam entre si. Fazer mitoanálise é buscar como as pessoas de um tempo, uma sociedade, dialogava com seus mitos, é saber como eles as influenciavam, saindo da obra e caindo na sociedade. E vice versa. Portanto não há mitocrítica, sem mitoanálise; uma leva a outra, numa relação dialógica.

A primeira mais estática, diz respeito, à delimitação dos nossos terrenos de caça e ao espinhoso problema do levantamento dos vestígios, dos indícios da presença da caça mítica. A segunda, mais dinâmica, será consagrada aos movimentos do mito: como é que um mito se modifica, como é que a modificação se processa?”(DURAND, 1996, p. 246)

Buscamos ler o texto como se ouvíssemos uma música, procurando os refrões, aquilo que se repete e tentando decifrar os sentidos dessas redundâncias, atentando para as mudanças de fases das bacias semânticas analisadas.

O mito seria, de algum modo o “modelo” matricial de toda a narrativa, estruturado pelos esquemas e arquétipos fundamentais psique do *sapiens sapiens*, a nossa. É, portanto, necessário, procurar qual (ou quais) o mito mais ou menos explícito (ou latente) que anima a expressão de uma ‘linguagem’ segunda, não mítica. Porquê? Porque uma obra, um autor, uma época ou, pelo menos, um ‘momento’ de uma época – está ‘obcecada’ (Ch. Mauron) de forma explícita ou implícita por um (ou mais que um) mito que dá conta de modo paradigmático, das suas aspirações, dos seus desejos, dos seus receios e dos seus terrores. (DURAND, 1996, p.246)

A obra machadiana é complementar tanto no sentido da narrativa histórica, como na compreensão de alguns conceitos, tipos e formas. É impossível entender quem eram Bentinho ou Cubas, sem termos em mãos a Teoria do Medalhão. Não entenderíamos muito bem a importância política dos jantares para os *pomadistas*, do conto *O segredo do Bonzo*, se não entendemos o amor da glória e a sede da nomeada.

A escolha pelos contos se deu, por serem os contos, narrativas versáteis, onde Machado utiliza toda a sua genialidade, são quase 200 contos que falam sobre os mais variados assuntos. Dando-nos amplitudes de possibilidades na construção do objeto proposto. Segundo John Gledson (2006, p. 59), nos contos, Machado de Assis lida com pessoas e grupos sociais mais amplos, principalmente aqueles marginalizados “crianças, escravos, agregados e moradores pobres das cidades” que não teriam o tratamento merecido nos romances.

Os contos machadianos foram, na sua melhor parte, estudos sobre alguns temas, Lucia Miguel Pereira, chega a afirmar que ele é melhor contista do que romancista. Os contos não narram relações sociais estáticas, mas a vida humana, envolta nos costumes desta sociedade, bem como nos sentimentos e interesses individuais, numa relação complexa entre, de um lado os costumes e valores daquela sociedade e, de outro, o indivíduo, onde os primeiros regem a exterioridade, mas também geram incertezas nos personagens.

## MEDALHÕES, JANTARES, CONTRATO E FAVORES

Teoria do medalhão é um conto de 1881, foi publicado na Gazeta de Notícias, “jornal liberal, no melhor sentido da palavra, politicamente independente, vivo e empenhado em apoiar boas produções literárias.”(GLEDSON, 2006, p.38), fundado em 1874 e vendido nas ruas e não apenas para assinantes, o que era novidade na época. O conto foi republicado na coletânea Papeis Avulsos de 1882, para Gledson essa obra aborda as questões de identidade nacional através de uma identidade pessoal, tema recorrente nos contos. O conto satiriza o Medalhão: um tipo característico da vida brasileira. Que segundo Da Matta

[...] não é um personagem exclusivo de uma classe, grupo ou segmento social. O medalhão, como uma cristalização pessoal de qualidades morais de determinado domínio social, pode surgir onde

quer que haja um grupo. Temos medalhões entre os pobres e os ricos, entre os fracos e os fortes. Trata-se, parece-me, de um modo de estabelecer hierarquias em todos os grupos, em todas as categorias, em todas as situações; sobretudo, entre pessoas iguais. Embora exista uma tendência a equacionar o medalhão com a classe dominante, essa ligação é simples demais. De fato, existem medalhões em todos os domínios da vida social brasileira: na favela e no Congresso, na arte e na política, na universidade e no futebol, entre policiais e ladrões. São as pessoas que podem ser chamadas de “homens”, “cobras”, “figuras”, “personagens” etc. e que ocorrem em qualquer campo. São os que já transcenderam as regras que constroem as pessoas comuns daquela esfera social. É alguém que não precisa mais ser apresentado e com quem deve se primeiro falar (e/ ou “se entender”). (DA MATTA, 1997, p. 204)

Medalhão é aquele que não precisa perguntar *você sabe com que ta falando?* Pois todos sabem quem ele é e quem são seus amigos, todos sabem que ele tem o poder e não vai deixar de usá-lo muitas vezes de forma violenta para se beneficiar ou colocar alguém que fira seus caprichos no seu devido lugar.

Um dos seus méritos é, a meu ver, a possibilidade de clarificar a relação entre o nosso sistema de classificar pessoas e, como consequência, o rito autoritário do “sabe com quem está falando?” Pois essa fórmula só deve ou pode operar funcionalmente numa sociedade de gentes, de pessoas que se lavam, de brancos, de boa gente, de medalhões, em oposição às gatinhas, ao zé-povinho, à arraia miúda, à gentalha, à massa; numa palavra aos impulsos em geral. (DA MATTA, 1997, p. 204)

O conto é desenvolvido em forma de diálogo onde não há a presença de um narrador, fórmula pouco usada por Machado em seus contos. Qual o motivo dessa ausência? O referido diálogo traz um conteúdo sigiloso, reservado a poucos merecedores de sua revelação. Conversa entre um Pai zeloso e um filho de futuro promissor, de portas fechadas, na calada da noite, sem testemunhas, na noite de aniversário de 21 anos do mancebo.

#### **Diálogo**

- Estás com sono?/- Não, senhor./- Nem eu; conversemos um pouco. **Abre a janela.** Que horas são?/- Onze./- **Saiu o último conviva do nosso modesto jantar.** [...]/- Papai.../- Não te ponhas com dengüices, e falemos como dois amigos sérios. **Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes.** Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. (ASSIS, 2008, p. 270) Grifos Nossos

Para amenizar o calor da noite carioca o pai deixa a janela aberta, talvez tenha sido por ela que alguém ao passar tenha ouvido essa conversa secreta. Janela que o escritor nos abre de forma hábil, como se nos induzisse a bisbilhotar e a esconder-nos junto a ele para ouvir atentamente as lições que vinham da alcova. O filho é o que as moças casadouras chamavam de bom partido, advogado, provavelmente formado no largo de São Francisco, com algumas poses, que lhe serviam como senha para entrada no mundo dos amigos influentes e importantes. Isso vale muito numa sociedade onde melhor que ser Imperador é ser amigo do Imperador, ou de qualquer um que gravite ao redor desse grande sol.

O pai frustrado por ele mesmo não ter conseguido ser um Medalhão coloca no jovem bacharel suas esperanças de vê-lo “grande e ilustre, ou pelo menos notável”, “acima da obscuridade comum”.

- Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. (ASSIS, 2008, p. 270)

O pai logo ensina ao filho que a melhor atitude na sua sociedade é não questionar e criticar a posição dos estamentos é útil ser conservador e exercitar o não questionamento, pra não correr o risco de desagradar aos que não interessam a interrupção da “ordem” das coisas.

- A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; **não há planger, nem imprecisar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante** (ASSIS, 2008, p. 270) .Grifos Nossos

Ouçamos as lições e os segredos que nos dedicaremos aqui: a arte de fazer amigos e jantares para tornar-se um medalhão:

- Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, **que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição.** Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heróicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. **O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos.** (ASSIS, 2008, p. 273)  
Grifos Nossos

O *verdadeiro medalhão* sabe como usar a bajulação, a dissimulação, as aparências, os salamaleques, a retórica, a malandragem para conseguir boas amizades. Sabe cultivar o silêncio para simular circunspeção e na presença dos poderosos não provoca sua ira com idéias que os desagradem ou que causem qualquer dissabor. Ao contrário sempre que pode homenageia os ilustres, os bem nascidos, os grandes feitos, os grandes medalhões, ou pelo menos sonha em homenageá-los, ser conhecido por eles para um dia ser um deles.

**Uma notícia traz outra;** cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. **Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa.** (ASSIS, 2008, p. 273) Grifos Nossos

O medalhão é um *grave* que domina a arte arquear os braços com graça ao usar imagens gregas num discurso seja ele no parlamento, ao piano, no Alcazar Lírico, velórios ou na União dos Cabelereiros. Homem de movimentos cadenciados, como sempre estivesse metido numa casaca preta dançando com uma baronesa, com ar sério, sem arroubos. Nos jantares ele sabe cultivar o *ar pesado*, usa as composturas e posturas sociais, reproduz a linguagem corporal da “cordialidade” (HOLLANDA), o como olhar; falar; calar; vestir-se com esmero à moda europeia e abandonar certos hábitos não condizentes com os manuais de etiqueta ingleses e franceses, habilmente imitados pelas elites fluminenses e por aqueles que imitavam nossa reluzente corte.

O imaginário sobre o liberalismo – que estou chamando de cultura do contrato - as narrativas e práticas sobre as relações burguesas no Brasil do século XIX, os ideais oitocentistas, a ideologia burguesa, a forma européia, o Contrato, as formas políticas, culturais, sociais e morais copiadas da Europa, a inserção do Brasil numa bem definida ordem capitalista internacional. A impessoalidade, o individualismo, a racionalidade burocrática burguesa, o Estado, o consumo, a solidariedade orgânica, as mudanças da matriz econômica, a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade, o progresso, a ciência aqui no Brasil vivem uma tensão, que foi interpretada de mil formas no nosso pensamento social, com o que aqui estamos chamando de imaginário sobre o Favor.

Favor pode ser explicado como o grande mito brasileiro que toma a forma política das *relações clientelistas, patrimonialistas, mandonistas, coronelistas, nepotistas, caudilhistas e cordiais*, no sentido dado por Sérgio Buarque.

Já disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade - daremos ao mundo a 'homem cordial'. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (BUARQUE DE HOLANDA, 2002, p. 146)

As diferentes formas e sentidos que o clientelismo assume são influenciadas pelas diversas modalidades de relações de poder entre os agentes sociais e políticos durante o momento histórico no qual o fenômeno é analisado. Seu conteúdo também varia ao longo do tempo, de acordo com os recursos controlados pelos atores políticos.

O clientelismo é definido como “uma típica aliança vertical, onde ocorre um acordo entre duas pessoas que possuem poder e recursos desiguais, sendo que cada uma julga conveniente possuir um aliado

superior ou inferior a si mesmo (GONÇALVES, 1988:8) Para além da troca de favores, o clientelismo tem uma dimensão estrutural, estabelecendo solidariedade e funcionando como meio de interação social, como modo de estruturação das desigualdades sociais. [...] A clientela abdica de seu acesso autônomo aos mercados, exceto pela mediação do patrão, chefe ou líder, o qual impõe sua proteção por meios mais ou menos coercitivos, por uma sutil mais firme ação para limitar o acesso da população aos mercados ou centros de poder (CORDEIRO, 2000, p.27)

No Brasil essa relação é reforçada pela cultura do patrimonialismo, do mandonismo, mais uma vez da cordialidade.

Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexos efetivo da vida ideológica. A chave dessa era diversa. Para descrevê-la é preciso retomar o país como um todo. Esquematizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo, e o 'homem livre', na verdade dependente.[...] seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor* [...] mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. [...] **com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional**"(Schwarz, 2000,p.16) Grifos Nossos

Os jantares, os bailes, os saraus, as festas sempre aparecem na obra de Machado de Assis como lugar de encontros dos que compartilham das mesmas idéias refinadas e gostos europeus, lugar para fazer alianças, casamentos, homenagear ilustres ou a si mesmos, numa linguagem mais atual para conseguir aumentar seu networking de favores.

[...] Por motivo de casamento, aniversário, batizado, sem nenhum motivo, o funcionário aposentado, o militar reformado, o pequeno comerciante promovem festas e jantares. A nota expressiva dos encontros cabe às pessoas, nos seus trajes e na sua solenidade, e às idéias, extravasadas em tom oratório, a pretexto de brindes. As pessoas e as idéias formam a classe média, com suas esperanças ingênuas e sua cultura de terceira mão, enfeitada de mau gosto. (FAORO, 2001, p.302)

Um famoso jantar da obra machadiana é o jantar que o pai de Brás Cubas promove por ocasião da queda de Napoleão. A descrição do jantar é exemplar para fundamentar nosso argumento.

Não se contentou a minha família em ter um quinhão anônimo no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, **e tal jantar que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou quando menos, de seus ministros.** Dito e feito. Veio abaixo toda a velha prataria, herdada do meu avô Luís Cubas; vieram as toalhas de Flandres, as grandes jarras da Índia; matou-se um capado; encomendaram-se às madres de Ajuda as compotas e marmeladas; lavaram-se, arearam-se, poliram-se as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do luxo clássico. Dada a hora, **achou-se reunida uma sociedade seleta,** o juiz de fora, três ou quatro oficiais militares, alguns comerciantes e letrados, vários funcionários da administração, uns com suas mulheres e filhas, outros sem elas, mas todos comungando no desejo de atolar a memória de Bonaparte no papo de um peru. (ASSIS, 1994 p. 19) Grifos Nossos

Ainda falando sobre o mesmo jantar Cubas nos mostra as complexas relações entre a escravidão e a vida de modinhas das moças.

**No meio do interesse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares.** As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que promettesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como folgara nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, **dava a outro notícia recente dos negros novos,** que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Luanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. (ASSIS, 1994 p. 20) Grifos Nossos

Ansioso pela sobremesa o garoto Cubas que fitava o pai e as compotas sabia que o velho Cubas não lhe dava mínima só se importava com o sucesso de seu jantar e a satisfação de seus convivas, e aproveitando o momento para admirar a ponta de seu nariz e ver apenas a si mesmo em pleno gozo da glória e da nomeada.

Quanto a mim, lá estava, solitário e deslembado, a namorar uma certa compota da minha feição. No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última, mas não era, e a sobremesa continuava intacta. Ninguém se lembrava de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas, mirava-se todo nos cartões alegres, nos pratos, nas flores, deliciava-se com a familiaridade travada entre os mais distantes espíritos, influxo de um bom jantar. Eu via isso, porque arrastava os olhos da

compota para ele e dele para a compota, como a pedir-lhe que ma servisse; mas fazia-o em vão. **Ele não via nada; via-se a si mesmo.** (ASSIS, 1994 p. 21) Grifos Nossos

Numa sociedade onde um jantar para os amigos é melhor caminho que as idéias científicas à glória e a nomeada, o medalhão ganha sustento, se legitima socialmente e torna-se fórmula de sucesso público:

A teoria do medalhão é, pois, a fórmula indicada para obtenção do sucesso num mundo social dominado pelo convencionalismo, pela ortodoxia das teorias e doutrinas, pela rigidez das práticas jurídicas, pelo modismo e conformismo que impedem as soluções originais e profundas; numa palavra pelo sistema hierarquizado que coloca tudo em seus lugares, sempre acha o lugar de todas as inovações, detesta examinar-se e, por meio de suas próprias forças e dinamismo, mudar o lugar das coisas que nele existem. (DA MATTA, 1997, p. 203)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que captar dialogicamente como esse filho de uma lavadeira com um pintor de paredes, exímio romancista, jornalista, poeta, competente funcionário público do Ministério da Agricultura, onde por 35 anos foi diversas vezes promovido, contista, cronista, dramaturgo, presidente da ABL, que atravessou a sociedade brasileira como poucos em seu tempo, percebe, analisa e reconstrói o imaginário social da sociedade brasileira, é de fundamental importância para começarmos a descobrir os limites e possibilidades de nossa vida política.

Machado de Assis seguiu em sua obra o que ele mesmo propõe no trecho do famoso ensaio *Instinto de Nacionalidade* de 1873:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que deve se exigir do escritor, antes de tudo, é certo **sentimento íntimo**, que o torne **homem do seu tempo e do seu**

país, ainda quando trate de **assuntos remotos no tempo e no espaço**.(ASSIS, 1873, citado por GLEDSON, 2008, p. 73

Inúmeras vezes em sua obra, fazendo uso do “sentimento íntimo”, Machado desnuda o Rei, e escancara aspectos fundamentais da vida social do Império. Fazendo uso de conceitos e teorias fundamentais elaborados pela humanidade até então, Machado escreve sobre detalhes, situações, casos banais da vida cotidiana da elite brasileira do século XIX, articulando-os aos mais variados arquétipos, imagens e mitos de diferentes culturas para explicar, explicitar, contrapor, descrever, analisar, dissimular ou enaltecer, através de sua pena, traços essenciais da sociedade brasileira, bem como seus pensamentos, ideologias, imagens e mitos.

Por ser homem do seu tempo e do seu país, Machado de Assis não deixou de observar uma temática que o encantava mais que os olhares e traições, as relações da tríade: Origem Fidalga, Grossos Cabedais e Relações Pessoais (Chalhoub, 2000), as quais nos fornecem pistas substanciais para que possamos perceber como criamos e recriamos, nas mais íntimas relações cotidianas, uma sociedade que tem a desigualdade como seu fundamento. Machado de Assis é narra amiúde a atmosfera da sociedade brasileira do século XIX, dando ênfase às relações de dependência, favor, e mando e suas interseções e tensões com o mundo burguês europeu, suas idéias e práticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008

\_\_\_\_\_. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. In: Obra Completa. vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994 Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis Historiador. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

CORDEIRO, Celeste – “**Vicissitudes da Democracia no Brasil: o patrimonialismo como cultura**” in Revista Síntese, Ano 5, Brasília, 2000.

DA MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. *Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.*

DURAND, Gilbert **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, Difel, 1998.

\_\_\_\_\_. **Campos do Imaginário**. Lisboa, Instituto Piaget, 1997

FAORO, Raimundo. **Machado de Assis**: A Pirâmide e o Trapézio. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1974.

GLEDSOON, John. **Por um novo Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 2006.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand. Rio de Janeiro, Yendis/Atlântica Editora, 2005

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo, Duas Cidades, 1992.

\_\_\_\_\_. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.